

## O SUJEITO FRAGMENTADO, A MEMÓRIA E O ESPAÇO EM *BUDAPESTE*, DE CHICO BUARQUE

DANIELI DE OLIVEIRA VILELA<sup>1</sup>;  
ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL – [danielipel@gmail.com](mailto:danielipel@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEL – [alfeusparemberger@terra.com.br](mailto:alfeusparemberger@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, pertencemos a diferentes grupos culturais e temos, às vezes, a sensação de não pertencer a nenhum. Isto é característico da globalização, um fenômeno que acabou com as fronteiras geográficas, culturais e linguísticas e que tem seu reflexo na literatura.

O enredo do romance **Budapeste** (2003), de Chico B. de Holanda, se passa em dois espaços, as cidades do Rio de Janeiro, no Brasil, e Budapeste, na Hungria. A personagem que narra a história é José Costa (Zsoze Kósta), um indivíduo deslocado, desestabilizado no que tange à sua identidade, uma personagem que é fruto dessa sociedade heterogênea em que vivemos, uma sociedade pós-moderna de identidades instáveis, conforme Stuart Hall (2009). José Costa é um sujeito andarilho, que flana, imerso em suas inquietações, migrando ao acaso entre as duas cidades, procurando (re) constituir-se enquanto sujeito que traz em si as marcas do mundo pós-moderno, como se percebe em: “Acendi um cigarro em frente ao prédio e fui andando. Daria na praia, caso seguisse em linha reta, mas virei à direita, à direita, à direita e à direita, porque **não me conduzia um pensamento linear** [grifos nossos]” (BUARQUE, 2003, p.99).

**Budapeste** é o terceiro romance de Chico B. de Holanda e configura-se enquanto um romance metaficcional, que faz emergir a temática do duplo para trabalhar com questões como: identidade, a crise do sujeito, realidade, fantasia, memória e autoria, temas típicos da pós-modernidade. O duplo em **Budapeste** caracteriza a fragmentação do sujeito e a forma como ele vivencia os espaços e se relaciona com duas diferentes famílias, culturas, línguas, escritas, ou seja, está diretamente ligado à forma como esse herói problemático e inconstante se vê duplicado. A tal ponto que as semelhanças entre as duas cidades narradas no romance são construídas uma a partir da memória e do espelhamento da outra. E o narrador-protagonista circula por ambas incapaz de inserir-se e de estabelecer uma relação identitária em quaisquer das duas cidades.

Assim, a intenção deste texto é analisar tanto a problemática do sujeito na contemporaneidade, quanto as cidades e a memória no romance **Budapeste**. Diante disso, pretende-se discutir de que forma o narrador –protagonista de **Budapeste** circula pelas duas cidades na tentativa de (re)construir-se.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é própria da área dos estudos comparados em literatura, o que nos possibilita, de acordo com Tania Carvalhal (2003), nos movimentarmos entre várias áreas do saber e utilizarmos os métodos exigidos pelo nosso corpus literário, confrontando o texto com outros, quer estes sejam literários ou não.

Assim, buscando compreender o conceito de identidade fragmentada do protagonista de **Budapeste**, utilizamos os conceitos de Stuart Hall (Silva, 2009), proveniente da área dos estudos culturais, enquanto para analisarmos o elemento do duplo na narrativa utilizamos os conceitos do filósofo francês Clément Rosset (ROSSET, 1999). E, finalmente, para uma compreensão do espaço na qual José Costa se movimenta enquanto procura se construir enquanto sujeito, a pesquisa encontra apoio na análise de Walter Benjamin apresentada por Peter Pál Pelbart (PELBART, 2000) sobre cidade real e cidade onírica.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho em questão é parte de dissertação de mestrado em andamento e em fase de pré-qualificação. Na dissertação pretende-se comparar de que forma se dão as articulações do duplo nos romances **Budapeste** (2003), de Chico Buarque, e em **O Homem Duplicado** (2008), de José Saramago. Aqui, entretanto, optou-se por um recorte onde o sujeito fragmentado é analisado somente no romance de Chico.

Percebe-se, no texto, que o protagonista José Costa, um ghost writer, vive uma crise de identidade motivada pela questão da autoria das obras e também pela vida dupla que leva, ora no Brasil, ora na Hungria, dividido entre duas mulheres, duas culturas, duas línguas, duas cidades, e especialmente entre o narrar e o ser narrado. A relação que José Costa mantém com as duas mulheres e as duas cidades é de espelhamento. Assim, ele alterna momentos de convivência com as duas mulheres, sendo José Costa para Vanda e Zsoze Kósta para Kriska, enquanto vagueia pelas cidades, sem rumo, sem referências ou compromissos que o prendam, “movido pelas palavras, perseguido pelas palavras e que pelas palavras se desdobra nele mesmo e em seu duplo” (REZENDE, 2003) deixando que seu destino seja decidido ao sabor do vento, o que denota falta de vínculo com as pessoas com quem ele se relaciona.

Além do fato de o próprio escritor ser um duplo de si mesmo, o narrador ora apresentado também possui um duplo, um simulacro de si, causando breves interrupções ou desacomodações na leitura, fragmentando-a, em consonância com o sujeito desestabilizado e desterritorializado do qual trata o texto, colocando o leitor em meio a questões como: o que é fictício e o que é real? O romance real contém o fictício ou o fictício é que contém o real? E, dessa forma, o romance configura diferentes espaços narrativos, um dentro do outro, de forma que “os conflitos entre identidades reais ou forjadas, entre o revelar-se e o desaparecer irão se multiplicar, cada relato saindo do anterior” (Rezende, 2003) num procedimento de *mise en abyme*.

#### 4. CONCLUSÕES

O romance de Chico narra o esforço de um homem do nosso tempo, alguém que quer ser outro e que ao mesmo tempo sofre por não ser mais quem costumava ser e permanece no limbo, numa condição de nômade para sempre. Assim, ele constrói sua narrativa acerca do dilema da identidade perdida e fragmentada do protagonista e nos oferece a possibilidade de conhecer dois espaços, duas cidades, através do ponto de vista dele e que acabam demonstrando que Budapeste é a cidade onírica, a cidade utópica, a cidade espelho para suas frustrações, enquanto o Rio de Janeiro é a cidade real, a cidade da experiência. A principal diferença entre estes dois espaços será o estilo de vida levado por ele e a forma como se relaciona com as pessoas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, ÉRICA TAVARES. **Cidade, memória e subjetividade na ficção de Chico Buarque**. 2011. 92f. Dissertação. Mestrado em Literatura e Interculturalidade. Universidade Estadual da Paraíba. Acessado em 06 dez. 2015. Online. Disponível em:< <http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2011/%C3%89rica%20Tavares%20%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>:

BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**.. / sob a direção do professor Pierre Brunel; tradução Carlos Sussekind... [et al]. 4ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CARVALHAL, Tania Franco. **O Próprio e o alheio**. Ensaio de Literatura Comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PELBART, P.P. **Cidade, lugar do possível**. In: \_\_\_\_\_ A Vertigem por um fio. São Paulo: Iluminuras, 2000. P.43-49.

OLIVEIRA, Marillia Raeder Auar. **Budapeste: Espelho, simulacro e metaficção**. Acessado em 10 out. 2015. Online. Disponível em<<http://www.filologia.org.br/xcnlf/3/08.htm>>

RESENDE, Beatriz, **“Livro dentro do livro”**. Jornal do Brasil. 14/09/2003, Acessado em 26 agosto 2015. Online. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit\\_budapeste\\_jb1.htm](http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_budapeste_jb1.htm)>:

\_\_\_\_\_, **“Movido pelas palavras”**. 2003. Acessado em 26 agosto 2015. Online. Disponível em:[http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit\\_budapeste\\_brasil.htm](http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_budapeste_brasil.htm)

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão**. Apresentação e Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Katharyn Woodward. 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

WISNIK, José Miguel. “**O autor do livro (não) sou eu.**” (2003). Acessado em 24 agosto 2015. Online. Disponível em: [http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit\\_buarque\\_wisnik.htm](http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_buarque_wisnik.htm)>: